

BCH-UFC

THAÍS FERREIRA BRANDÃO

**A RELAÇÃO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE
MARACANAÚ (CE) COM A COMUNIDADE**

COM A COMUNIDADE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, Ceará, em 2005.

FORTALEZA

2005

Dedico esta monografia a minha família
a quem devo tudo que sou.

Agradeço primeiramente por esta monografia, a Deus nossa força vital e fortalecedora. Aos meus pais a quem devo tudo que sou e possuo. Aos meus amigos que sempre me estimularam e aos professores que me ajudaram a conquistar esta formação e realização pessoal.

O presente trabalho tem como objetivo a proposta de avaliação da biblioteca
Marechal, para verificar se os dados obtidos nos últimos dois resultados foram
através das questionários enviados aos serviços de avaliação de livros pela biblioteca da
comunidade Abculta, em função de obter informações sobre o trabalho da biblioteca
pública no município de Abculta.

Palavras-chave: avaliação de livros, biblioteca pública, comunidade Abculta.

Fazer suas escolhas, assinar embaixo,
pagar os preços... e não se lamentar
demais. Porque programamos o próprio
destino a cada vez que, num tímido
murmúrio ou num grande grito, a gente
diz para si mesmo: "Sim!".

Lya Luft

RESUMO

O presente trabalho informa sobre a pesquisa realizada na Biblioteca Pública de Maracanaú, João Pereira de Andrade, onde trata da análise dos resultados obtidos através dos questionamentos acerca dos serviços básicos oferecidos pela biblioteca na comunidade Aborda, também, a temática da origem, conceito e função da Biblioteca pública no mundo e no âmbito brasileiro.

Palavras-chave: Biblioteca pública; Biblioteca pública brasileira; Comunidade e Maracanaú.

RESUME

The present work is based upon the research performed in the Public Library of Maracanaú, João Pereira de Andrade, which deals with the analysis of the results obtained through library in community. In addition, the present work, deals thematic origins of the public library in the world and in brazilian ambience.

Key-words: Public Library; Public Library brazilian; Comunity and Maracanaú.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	09
1 INTRODUÇÃO.....	11
2 BIBLIOTECA PÚBLICA.....	14
2.1 Surgimento da Biblioteca Pública.....	16
2.2 Conceito de Biblioteca pública.....	22
2.3 As funções básicas da Biblioteca pública.....	24
3 A BIBLIOTECA PÚBLICA BRASILEIRA.....	32
4 A CIDADE DE MARACANAÚ.....	47
4.1 A comunidade de Maracanaú.....	49
4.2 A biblioteca pública de Maracanaú.....	52
5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	56
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
7 REFERÊNCIAS.....	79
ANEXO.....	87

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 – Demonstrativo da porcentagem equivalente a idade dos usuários.

Tabela 2 – Demonstrativo da porcentagem do grau de escolaridade dos usuários.

Tabela 3 – Demonstrativo da porcentagem correspondente as áreas residenciais dos usuários.

Tabela 4 – Demonstrativo da porcentagem de frequência dos usuários na biblioteca.

Tabela 5 - Demonstrativo da porcentagem acerca do gosto de pela leitura.

Tabela 6 – Demonstrativo da porcentagem sobre o gosto de leitura dos usuários.

Tabela 7 - Demonstrativo da porcentagem dos meios de divulgação da biblioteca sob a visão dos usuários.

Tabela 8 - Demonstrativo da porcentagem das sugestões dos usuários correspondente às áreas de melhoramento.

Tabela 9 - Demonstrativo da porcentagem do grau de satisfação dos usuários acerca dos serviços da Biblioteca.

I INTRODUÇÃO

A Biblioteca pública de Maracanaú já existe há quase 15 anos, mas poucas pessoas a conhecem devido à falta de divulgação de seus serviços e, principalmente, pela submersão à ignorância a que todos nós, povo brasileiro, estamos mergulhados. No entanto, não querendo modificar o país inteiro, refleti sobre os problemas desta biblioteca que como muitas outras, estão realmente num estado de difícil reversão, porém com um pouco de força de vontade e trabalho dedicado e determinado poderemos modificar esta situação.

Seu prédio está degradado e suas instalações são precárias. O acervo é desatualizado e não atende a todos os seus usuários. A falta de outros suportes de pesquisa também dificulta na realização de trabalhos escolares. Entretanto, o maior problema, é quanto aos seus serviços, que definitivamente não interage junto com a comunidade. Esta é, sem dúvidas, a hora de se implantar um projeto revitalizador na biblioteca. Contudo nota-se a necessidade urgente de melhorar o ambiente, o acervo e, em especial, os serviços oferecidos, através da dinamização dos mesmos para aumentar o número de usuários e, principalmente, o grau de satisfação.

Assim, como moradora dessa comunidade não podia esquecê-la, deixar de contribuir com os meus conhecimentos e cumprir com o meu papel social. Através da realização de uma pesquisa com os seus usuários, afim de, conhecer o desempenho da Biblioteca pública de Maracanaú na comunidade identificando quem são os usuários da biblioteca; conhecendo os seus serviços; verificando o grau de satisfação dos usuários acerca dos serviços e produtos oferecidos pela biblioteca; e, relacionando o desempenho da biblioteca na comunidade com as novas concepções de Biblioteca Pública dada pelos teóricos.

Com grande empenho e prazer pude me deleitar nos textos dos mais diversos autores, tais como, Emir Suaiden, Susana P. M Muller, Luiz Milenesi, Oswaldo Francisco de Almeida Júnior e outros.

No primeiro capítulo, é apresentado o trabalho informando dos meus objetivos e justificativos que realçam o meu interesse por este tema. Além de, descrever a problemática abordada e debatida em cada capítulo subsidiada nos mais competentes teóricos.

No segundo e terceiro capítulo, traz a temática da biblioteca pública: surgimento, conceito e função, tanto no mundo como no âmbito brasileiro.

No quarto capítulo trago uma introdução sobre a cidade de Maracanaú, sua população e Biblioteca. No quinto são relatados os resultados da pesquisa e realizada a análise deste trabalho.

Por fim, o sexto capítulo traz as considerações finais e o sétimo as referências bibliográficas.

2 BIBLIOTECA PÚBLICA

Desde que o mundo é mundo, a humanidade sentiu a necessidade de desenvolver mecanismos para a transmissão da informação e, conseqüentemente, do conhecimento. A partir disso, tem-se nos gestos a primeira forma de comunicação, haja vista que nesse momento os homens não sabiam falar, nem mesmo articular algum tipo de processo que facilitasse a vida em comunidade.

Posteriormente, a espécie humana começou a evoluir ao ponto de se diferenciar dos demais habitantes do planeta, sendo que tal diferença deu-se junto não só ao aspecto físico, mas também cultural devido uma maior necessidade de comunicação entre os seres de sua espécie. E sendo assim, progressivamente, os homens começaram a fazer uso de objetos, tais como: pedras, varetas, cordas, bem como de traços, desenhos, gravuras, riscos. Sendo que estes deram origem ao processo pictográfico, representação de elementos lingüísticos.

Com o surgimento da escrita, entre os anos de 3.500 a 3000 A.C, esta passou a representar o processo de comunicação propriamente dita, cujo conteúdo, no passado, deu-se sob as formas de tabuletas de argila, papiro, pergaminho, papel e, recentemente, CD-ROM, disquete, e-mail, home-page, etc. Inicialmente, os manuscritos eram obtidos através das artes dos copistas. Todavia, a grande explosão deu-se a partir dos meados do século XV, em Mongúncia, com a descoberta da imprensa por Johannes Gesnfliseh Zur Laden Zum Gutenberg, conhecido popularmente como Johannes Gutenberg (neste caso não se está considerando o processo já descoberto na China, por volta de oito séculos atrás), como destaca Alfredo Serrai (1975). Conseqüentemente, os livros deixam de ser produzidos de forma individual, passando a serem obtidos por série, gerando com isso a democratização da

informação e, também, um certo problema junto à organização dos documentos que se passaram a se propagar rapidamente, impossibilitando, assim, que os mesmos fossem localizados de forma mais rápida e precisa. Nesse caso, a existência das bibliotecas torna-se algo extremamente relevante, pois além de contribuir para a organização e disseminação dos documentos, servirá como a memória coletiva das experiências existenciais, culturais e científicas, quer seja do indivíduo, quer seja do coletivo.

No início, não se fazia distinção entre arquivo e biblioteca, haja vista que uma única instituição desempenhava ambas as funções. Entretanto, à medida que os anos passavam, sentiu-se a necessidade de separar os dois segmentos. A partir dessa separação, o arquivo passou a ficar responsável pela reunião e conservação dos documentos não elaborados, ou seja, os que se voltava para a realidade da época, enquanto que a biblioteca ficou responsável pelos documentos elaborados, isto é, os produtos intelectuais e espirituais das gerações diversas.

2.1 Surgimento da Biblioteca Pública

O que se faz interessante ressaltar, no que diz respeito à história da biblioteca que se disseram públicas, devido seus acervos terem sido franqueados ao público, liga-se ao fato de que as primeiras bibliotecas que surgiram, apresentaram um caráter, eminentemente, particular. Afirma-se tal fato, devido essas bibliotecas ter sido criadas a partir da iniciativa de

determinados grupos de pessoas que visavam reunir todo um acervo que atendesse às suas necessidades específicas.

houve a abertura do acervo ao público, evidente, que este não conseguiu encontrar subsídios para atender suas expectativas, pois os documentos que constituíam essas bibliotecas refletiam os interesses da minoria que as criaram e não do público em si, não se encontrando, portanto, disponíveis a todos os cidadãos, conforme pregava o discurso. (Nogueira, Maria Cecília Diniz, 1983. pág.10).

Porém, o que não se pode desconsiderar, liga-se à concepção de público aceita durante o período em que surgiram as primeiras bibliotecas, haja vista que na Antigüidade, a idéia de cidadão correspondia apenas aos homens livres, excluindo assim, as mulheres, crianças e escravos. Com o período medieval, surgiram as bibliotecas dos mosteiros, cujo funcionamento seguiu o mesmo exemplo das bibliotecas existentes durante a época clássica, com uma única diferença: assumem claramente o papel de um organismo privado.

Durante a Antigüidade, a privatização do papel público encontrava-se de forma camuflada, pois defendiam o uso das bibliotecas por todos, mesmo sabendo que poucas eram as pessoas que dominavam a prática de leitura, enquanto que durante a Idade Média, além das obras ficarem restritas aos monges, as principais bibliotecas foram transformadas em verdadeiros labirintos, demonstrando a idéia de não querer serem vistas. Isso faz presente junto não só à sua localização; em claustros, sacristias, perto de jardins e sempre com suas portas fechadas, mas também nas regras de uso não atendiam crianças, escravos, iletrados, bem como os que recebiam a permissão para entrar, só o faziam diante da presença de uma pessoa que havia sido recomendada.

Ao atingir a idade moderna, as bibliotecas sentiram a necessidade de não só modificar sua estrutura, mas também sua natureza, pois através da invenção da imprensa, os documentos deixam de ser produzidos sob o processo caligráfico volume por volume para ser produzido em série. Conseqüentemente, o volume de documentos cresceu de forma vertiginosa, contribuindo para que se chegasse ao homem comum a oportunidade de obter uma formação intelectual, através das coleções de livro. Paralelo a isso, pode-se dizer que o aumento junto aos volumes impressos forçou as bibliotecas a tentarem adaptar-se à essa nova realidade, haja vista que:

Os sistemas medievais de conservação dos livros em armários, arcas, estantes de tampo inclinado, não são mais compatíveis com o número de livros impressos. Mediante tal fato, adotam-se prateleiras encostadas ou embutidas nas paredes, e, com o passar do tempo à uma parte inferior acrescenta-se outra (a galeria) à qual se atinge por meio de rampas ou escadas. (Serrai, Alfredo, 1975. pág.148).

É interessante salientar que, com as máquinas, embora tenha uma considerável explosão informacional, o acesso às fontes bibliográficas continuava representando um privilégio de poucos. A solução veio através de dois acontecimentos: o primeiro liga-se à abertura das bibliotecas particulares ao uso público, em meados do século XV, por iniciativa de seus próprios proprietários, inicialmente, nas cidades de Munique, Genebra e Königsberg (Noruega). No que diz respeito ao segundo acontecimento, destaca-se a atitude dos livreiros que, com o intuito de popularizar o uso das suas livrarias, resolveram criar as chamadas “Salas de Leitura” ou “Gabinetes de Leitura”, em 1761, dando a oportunidade ao público viajar pelo mundo dos sonhos, do prazer e, sobretudo, da cultura, em troca de uma pequena mensalidade. Porém, a primeira biblioteca, historicamente falando, é resultante, não só do processo obtido a partir da invenção da imprensa que trouxe a profanação dos textos

impressos, mas também do desenvolvimento das indústrias onde gerou a Revolução Industrial que utilizou a Revolução Liberal como suporte , da Revolução Francesa e, também, do processo de urbanização entre os séculos XVIII e XIX.

Com a imprensa, observou-se que “de repente, pela primeira vez desde a invenção da escrita, era possível produzir material de leitura rapidamente e em grandes quantidades...”, (Alberto Manguel, 1999p. 159). Cita-se a Revolução Industrial, pois a partir dela houve a necessidade de qualificar a mão-de-obra disponível, a fim de possibilitar o manuseio das máquinas, sendo que para isso, fazia-se necessário o domínio junto à prática de leitura. Desta forma, durante essa Revolução, ser alfabetizado passou a ser uma exigência, pois através do preparo intelectual, os funcionários conseguiriam não só dominar e conservar as máquinas, mas também atingirem, naturalmente, a ascensão social, como relata José Teixeira Oliveira (1993).

À medida que a informação passou a representar um instrumento de trabalho, o livro deixou de ser algo sagrado, começando a ficar ao alcance de todos, uma vez que aumentado o número de pessoas alfabetizadas, as bibliotecas tornaram-se um lugar certo para frequência e uso.

Quanto à Revolução Liberal, pode-se dizer que esta é vista como sendo uma das variáveis formadoras da biblioteca pública, devido seu lema ter sido responsável pela ideologia de liberdade e igualdade entre todos os indivíduos, servindo, portanto, de suporte

para o surgimento dos movimentos de massa, cuja luta passou a ter como objetivo a democratização da educação. Por esta razão, Madalena Sofia Mitoko WADA, afirma que: "... a biblioteca pública surgiu como meio de aperfeiçoamento dos trabalhadores que já estavam fora do ensino formal" (1985p. 16), haja vista que o livro, ao mesmo tempo em que passou a ser obtido de forma mais fácil, fez com que mais pessoas aprendessem tanto a ler, quanto a escrever, começando, assim, a pressionar o Estado para ter maior acesso à escolaridade.

Com base em Maria Cecília Diniz Nogueira (1983), a origem da biblioteca pública, datando de 1850, deu-se na Inglaterra, através das Revoluções Industrial e Liberal, devido nessa época, o Estado apresentar as condições econômicas, políticas e culturais já amadurecidas. Porém, não se pode deixar de destacar a Revolução Francesa como sendo, também, responsável pela criação da biblioteca pública, devido não só ao fato de que através dela a Instrução Elementar tornou-se obrigatória e gratuita, como um direito de cada cidadão, através do lema de Igualdade, Fraternidade e Liberdade (Serrai, 1975), mas também pelo seguinte fato:

Durante o período histórico que se desenrolou essa Revolução, esta tentou abolir a idéia de que o passado pertencia apenas à classe burguesa, através das bibliotecas particulares. Por esse motivo, tais bibliotecas passaram a ser concebidas como sendo "inimigas da República", tornando-se assim, um dos alvos automático da referida Revolução.

Em sendo assim, os livros pertencentes à essas bibliotecas foram todos confiscados e transferidos para os chamados depósitos bibliotecas que se localizavam em Paris, Lyon, Dijon e outras localidades.

Os documentos confiscados, enquanto aguardavam seu destino é interessante ressaltar que esses depósitos em vez de serem visitados por pessoas, passaram a receber apenas o ataque da umidade, da poeira, de insetos e outras pragas, conforme destaca Manguel (1999). Após vários questionamentos, resolveu-se dividir tal acervo em duas partes, sendo que uma seria distribuída ao exterior, enquanto que a outra parte deveria ser colocada à venda. Todavia, em decorrência dos bibliófilos franceses não possuírem a quantidade financeira exigida, a aquisição do acervo ofertado foi feita pelos ingleses e alemães, beneficiando-se, sobremaneira, com tal situação.

Quanto aos documentos que não se conseguiu nem vender, nem distribuir, como destino, foram encaminhados às bibliotecas públicas para que ficassem à disposição de todos os cidadãos. Contudo:

Durante a primeira metade do século XIX, as horas de acesso a essas bibliothèques publiques eram restritas, havia exigências quanto à maneira de trajar de seus freqüentadores – e os livros preciosos novamente acumularam poeira nas estantes, esquecidos e fechados (BALAYÉ, 1988 apud MANGUEL, 1999 p. 272).

O que justifica a não utilização dessas bibliotecas pelo público, liga-se ao fato de que estas foram resultantes da imposição do estado em reunir os livros que refletiam as necessidades dos seus antigos donos classe burguesa , não sendo, portanto, condizentes com a realidade e expectativa do público em geral proletariado , tornando-se, assim, um elemento estranho aos cidadãos e, como tal, passaram a ser rejeitadas, uma vez que representavam uma biblioteca para a comunidade e não da comunidade.

Por esta razão, somente as bibliotecas que surgiram na segunda metade do século XIX, nos países anglo-saxônicos, podem ser consideradas como sendo as primeiras bibliotecas verdadeiramente públicas, uma vez que foram criadas a partir das reivindicações do povo, ou seja, em conformidade com suas necessidades, cujas atividades voltavam-se para a comunidade em geral. Isso implica dizer que essas bibliotecas se voltaram não só ao público real grupo social que, efetivamente, faz uso da biblioteca e potencial grupo social que poderá vir a se tornar em efetivo, mas também ao não-público grupo social que jamais se tornará efetivo, nem mesmo potencial , conforme expõe Victor Flusser (1980).

Em sendo assim sendo, para que as bibliotecas públicas atinjam verdadeiramente o caráter público, deverá romper o isolamento do não público, cuja cultura corresponde a cultura do silêncio, sem o direito de se expressar ou expressar o mundo, criar ou recriar algo livremente. Entretanto, para que tal isolamento seja rompido, essas bibliotecas necessitam desenvolver, de forma qualitativa, algumas funções básicas, funções estas que as caracterizarão, de fato, como públicas, passando assim, a serem um instrumento libertador e não continuar portando-se como um instrumento alienador, como salienta Waldomiro de Castro Santos Vergueiro (1990).

2.2 Conceito de Biblioteca pública

Por biblioteca pública, entende-se como sendo:

[...] aquela que visa oferecer seus serviços à comunidade em geral, voltando-se, portanto, ao público alfabetizado, neo-alfabetizado e não-alfabetizado, independente de sua cor, raça, sexo, faixa etária e classe social (MULLER, 1984, P.22).

De acordo com a historiografia, a origem da biblioteca verdadeiramente pública, deu-se nos países anglo-saxônicos, a partir da Segunda metade do século XIX, devido refletir as necessidades do povo, haja vista que foram resultantes das suas reivindicações, em favor da democratização da educação.

Com base em Livia Marques Carvalho (1991), observa-se que, apesar das bibliotecas que se localizaram nos Estados Unidos terem sido criadas, praticamente, na mesma época que as bibliotecas da Inglaterra, estas atuaram em um outro contexto, em relação àquelas, já que para a realidade americana, a função educativa correspondeu à oferta de oportunidade aos homens de forma igualitária democratização da educação, enquanto que na inglesa serviu apenas para a manutenção da ordem.

No que diz respeito às práticas das bibliotecas públicas brasileiras, pode-se observar que, desde seu início, apresentaram um caráter elitista conservando o bem público biblioteca apenas à pequena parcela que pode e sabem utilizá-la, fechando, desta forma, suas portas a quem realmente precisavam delas, isto é, o não-público. Em sendo assim, apesar de defenderem o caráter público, negligenciam sua função pública, pois não se voltam para a comunidade em geral que não se identifica com o ato de ler, não sendo reconhecida, portanto, pelos cidadãos que a cercam, causando conflitos nos papéis a serem desempenhados, uma vez

que ela se reserva ao direito de cumprir suas funções de forma a não responder aos interesses da população em geral, não acompanhando, assim, as transformações sociais.

Com efeito, para transformar cidadãos críticos, a partir do hábito de leitura, ao cumprir as quatro funções básicas educacional, cultural, recreativa e informacional, a biblioteca pública passa a desempenhar verdadeiramente seu papel público, haja vista que visará atender às demandas coletivas, colocando-se como um espaço para contestação e desnudamento dos interesses ideológicos, local adequado para fortalecer dinamicamente as transformações sociais, sendo capaz de contribuir para as alterações no âmbito das sociedades que, através do conhecimento, desvelam o mundo e buscam a qualidade de vida para todos os que nelas vivem.

2.3 As funções básicas da Biblioteca pública

Para que uma biblioteca torne-se verdadeiramente pública, faz-se necessário assumir as seguintes funções: educativa, cultural, recreativa e informacional.

Antes de descrever essa categorização, é interessante salientar que, na prática, as funções acima destacadas encontram-se inter-relacionadas, não sendo possível trabalhá-las isoladamente. Porém, como nossa intenção liga-se à exposição dessas funções de forma

didática, visou-se apresentá-las separadamente para que o processo de compreensão ocorra com maior qualidade.

No que se refere à educação, Susana P. M. Muller (1984) afirma que

A função educacional não deve ser entendida como sendo a mesma da escola ou da educação de massa, pois a biblioteca deve visar o benefício da sociedade através da prática de leitura, sem ganhar grandes abrangências, ou seja, apenas estimular o uso dos livros (p.31).

Contudo, junto à evolução histórica dos papéis e objetivos atribuídos às bibliotecas, observa-se que, inicialmente, sobretudo ao final do entendimento com sendo o grupo de cidadãos marginalizados, ou seja, o público infantil, analfabeto, recluso, livre, hospitalizado, deficiente físico e visual, etc.

Século XIX, a missão básica da biblioteca era a educação. Daí a razão de afirmar que a origem da biblioteca de caráter público correspondeu, eminentemente, à função educacional, haja vista que esse tipo de biblioteca nasceu a partir das reivindicações da população em obter um maior acesso à educação (Nogueira, 1986).

[...] A biblioteca pública, desde seus primórdios até os dias atuais, constitui-se em uma instituição educativa por excelência. Todavia, não deve oferecer seus serviços apenas aos públicos real e potencial, bem como voltar-se unicamente à educação formal entendida como sendo a pesquisa escolar (ARAÚJO, 1985, p.37).

Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que a função educativa desenvolvida pela biblioteca pública deve ser entendida como sendo as atividades que servirão, exclusivamente, como complemento, suporte e apoio à educação formal, sem, contudo, deixar de atender à educação não-formal e a informal. Isso implica dizer que a biblioteca pública deveria se preocupar não só com o público estudantil, devido o fato de que, atualmente, 90% dos usuários freqüentadores da biblioteca são constituídos por alunos, sobretudo, dos níveis fundamental e médio, como destaca Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (1997), mas também com o público potencial e, sobretudo, o não-público. Para isso, necessitar-se-ia modificar os objetivos da biblioteca, alterando-se sua postura, suas atitudes e atividades para abranger a comunidade em geral, isto é, o público alfabetizado, o neo-alfabetizado e o não-alfabetizado.

Para Ana Maria Cardoso de Andrade (1979), a educação não-formal é vista como sendo aquela desenvolvida em entidades ou instituições, com métodos tradicionais, com métodos tradicionais de aula, por está desvinculada do sistema regular, voltando-se para a educação de adultos, treinamento profissional e outros, enquanto que a educação informal passa a ser sinônimo de educação contínua, porém, sem vínculo a nenhuma instituição sob a forma de cursos de formação esporádica.

Lamentavelmente, até hoje, os próprios bibliotecários desconhecem a extensão dessa função, excluindo desta forma, a classe marginalizada da população, haja vista que não fazem nada em favor dessas pessoas, devido se voltarem apenas para a parcela da população que sabe fazer uso da biblioteca. Contudo, no que tange ao descaso para com a classe

marginalizada, pode-se dizer que este está associado à formação que tais bibliotecários tiveram, pois durante seus cursos de graduação foram preparados para trabalharem como agentes de informação técnico-científica apenas para os pesquisadores, estudantes, especialistas, professores e administradores (Martins, 1982; Lima, 1982).

A parte cultural é denominada a segunda função básica da biblioteca pública, sendo que esta foi incorporada somente na primeira metade do século XX. Na prática, a função cultural é pouco desenvolvida, pois esta se confunde com o caráter erudito, de superioridade, não estando, portanto, disponível ao público em geral. Porém, o desenrolar dessa função deve ser entendida como sendo todo e qualquer tipo de manifestação artística oferecida à comunidade, dando, aos indivíduos a oportunidade “de contato, participação, apreciação das artes, proporcionando ambiente agradável, estimulando e agindo, tanto quanto possível, como contra-peso à cultura comercialmente orientada de nossos dias” (ANDRADE, 1979, p.55).

Isso implica dizer que a biblioteca poderia oferecer desde uma programação de música clássica, ópera, ballet, até algumas sessões de cinema, vídeo e TV, abrangendo, também, um acervo de literatura em nível variado, palestras, debates, exposições, conferências, concertos, cursos e tudo o mais que se possa imaginar em favor da cultura.

É interessante salientar que não é pretensão da biblioteca pública ocupar o espaço dos museus, galerias de artes ou instituições afins, nem mesmo servir como influenciador de

opiniões. Todavia, pelo fato de se continuar concebendo a cultura como algo que leva apenas ao refinamento, acaba deixando de lado a incultura, a ignorância e a rudeza.

A função recreativa ou de lazer, embora tenha sido criada na mesma época que o processo cultural, é vista como sendo a que mais vem perdendo espaço junto aos meios de comunicação, uma vez que a mídia relega o hábito de leitura para segundo plano. Com o intuito de promover o gosto pela boa leitura, a partir do detrenimento, a função recreativa visa atender a uma importante necessidade social, que é o equilíbrio psíquico.

Em sendo assim, a finalidade dessa função corresponde ao oferecimento de uma leitura descompromissada e de livre escolha para proporcionar ao público que a procura o relaxamento e/ou recreação do indivíduo, cuja rotina encontra-se inserida nas pressões exercidas pela vida moderna, como destacam Andrade e Magalhães (1979).

Isso não implica dizer que essa função proporcionará à biblioteca um estado de desordem, pelo contrário, através da aparente leitura descompromissada, esta poderá tornar-se indispensável para a comunidade que, apriori, irá procurá-la apenas para a obtenção de uma leitura que desperte a imaginação, ficção, criatividade ou, simplesmente, prazer estético, a fim de obter uma forma de evasão e de compensação.

Progressivamente, esse mesmo público que solicitava apenas a leitura descompromissada, começará a se interessar pelos demais gêneros literários existentes no

acervo da biblioteca, podendo a vir se tornar um usuário real. O grande problema que isso aconteça, liga-se ao processo de seleção do material que será colocado à disposição do público, pois "... não se pode pretender que as pessoas acostumadas a outras formas de entretenimento se transformem repentinamente em leitores, e muito menos que se possa dirigir o seu gosto literário" (ANDRADE e MAGALHÃES, 1979, p.57).

É válido ressaltar que, durante a prática dessa função o público infantil não pode ser esquecido, uma vez que a biblioteca deve desempenhar o papel complementar junto à família e escola, necessitando, para isso, de um local reservado às crianças, contendo livros, jogos, brinquedos e gibis apropriados para cada faixa etária, TV e vídeo, palco para representações, a fim de despertar o raciocínio, coordenação motora e, sobretudo, o gosto pela leitura.

Por fim, destaca-se a função informacional, cuja origem deu-se a partir da Segunda Guerra Mundial, mais precisamente, após os anos 50. Inicialmente, essa função foi implantada nos Centros Referenciais dos Estados Unidos, sendo em seguida, difundida à Inglaterra.

Para se manter como uma instituição relevante à comunidade, a biblioteca percebeu que deveria fornecer a informação de forma cada vez mais confiável, rápida e, principalmente, com qualidade.

É válido ressaltar que a função informacional foi resultante não só da finalidade de encontrar um meio de se manter importante, necessária e imprescindível à comunidade, mas também devido sua própria existência encontrar-se ameaçada, em decorrência da falta de verbas.

Durante o desempenho dessa função, os serviços que a biblioteca deveria oferecer ao público em geral, liga-se à informação que corresponde à necessidade das pessoas que a solicitam, tornando-se, portanto, de vital importância para a comunidade, mesmo que tal solicitação seja uma informação do cotidiano, conhecida como utilitária.

Por esse tipo de informação, entende-se como sendo aquela que não se encontra apenas no suporte tradicional, sobretudo no livro, pois:

A ênfase, portanto, do trabalho do bibliotecário deve estar voltada para a disseminação das informações e não para promover, exclusivamente, o acesso dos usuários ao suporte dessas informações. Até hoje o profissional da área não assumiu nem percebeu o papel que deve desempenhar para a sociedade (ALMEIDA JR., 1997, p.56).

Desenvolver essa função implica na prestação de serviço junto à informação que visa satisfazer as necessidades imediatas da comunidade, não estando, por sua vez, localizada nos documentos existentes na biblioteca, já que se volta para as questões de esclarecimentos diversos, endereços de pessoas ou instituições, indicação de emprego, pontos turísticos, preços de hotéis, etc. (Nogueira, 1983; Vergueiro, 1988).

Diante do exposto, é interessante resgatar que as quatro funções descritas não caminham isoladamente, pelo contrário, encontram-se interligadas entre si, bem como não são exclusivas, uma vez que somente através da união entre elas é que a biblioteca poderá tornar-se uma instituição verdadeiramente pública.

3 BIBLIOTECA PÚBLICA BRASILEIRA

Historicamente o acesso à informação no Brasil sempre foi definido pelo poder aquisitivo. Durante o período colonial, os jesuítas fizeram grande esforço para facilitar o acesso à palavra escrita. Na verdade, foram esforços isolados, pois a educação e a cultura não eram prioridades dos segmentos dominantes do poder.

A vinda da Biblioteca e da Imprensa Real também não representou indicadores efetivos do acesso e da disponibilidade de informação para toda a sociedade. No entanto, no dia 5 de fevereiro de 1811, Pedro Gomes Ferrão de Castello Branco encaminhou um projeto ao governador da Capitania da Bahia, solicitando a aprovação do plano para a fundação da Biblioteca. Esse documento, que historicamente é o primeiro projeto na história do Brasil com o objetivo de facilitar o acesso ao livro, mostrava grande preocupação com a área da educação.

O plano foi aprovado, e a Biblioteca inaugurada no Colégio dos Jesuítas em 4 de agosto de 1811. Posteriormente, todas as providências para a fundação de bibliotecas partiram sempre da iniciativa governamental. Logo após o período acima referido, inúmeros governos estaduais tomaram a iniciativa de criar bibliotecas estaduais. A biblioteca era legalmente criada por um decreto estadual, no entanto a falta de visão dos administradores era grande, pois geralmente não havia previsão da infra-estrutura necessária. Locais improvisados, acervo desatualizado e composto de doações, instalações precárias, carência de recursos humanos adequados etc. eram as características dessas instituições chamadas bibliotecas. O ônus da imagem dessas instituições provocou um retraimento do possível público usuário. A imagem passou a ser negativa, pelo povo e eram comuns as afirmações de que se tratava de um local

de castigo ou para uma pequena elite composta de eruditos. Lima Barreto (1976), escritor social oriundo da pequena classe média suburbana do Rio de Janeiro, retratou em suas obras cenas quotidianas da República Velha. Em meio a um diálogo sobre a “loucura de Policarpo Quaresma”, há essa notável passagem:

Nem se podia esperar outra coisa, disse o Dr. Florêncio.

Aqueles livros, aquela mania de leitura...

Por que ele lia tanto? Indagou Caldas (...). Ele não era

formado, para que meter-se com livros? (...). Isto de livros

é bom para os sábios, para os doutores (...).

Devia até ser proibido (...) a quem não possuísse um

título acadêmico ter livros.. Evitam-se assim essas

desgraças. (BARRETO, 1976, p.5)

De fato, tanto na República Velha como na Primeira República, biblioteca era sinônimo de livro. Dificilmente poderia ocorrer a uma pessoa procurar a biblioteca sem estar interessada na informação bibliográfica, e esse é um grande contraste, pois no período mencionado o ensino era muito precário e grande percentual da população era composto de analfabetos. Portanto, era um clima ideal para a disseminação de informação oral, utilitária ou sobre cidadania.

Em 1912, a Biblioteca Nacional passou a ministrar cursos para a formação de bibliotecários. Era fácil perceber a preocupação com a preservação do material impresso.

A idéia de disseminação viria muito tempo depois. As bibliotecas criadas nesse período já buscavam um modelo de serviço bibliotecário. O modelo basicamente era uma cópia do utilizado nos países desenvolvidos na época. Portanto, era um modelo reflexo, baseado em uma realidade que não era a do povo brasileiro.

A preocupação com uma cultura nacionalista aflorou, e em 1922, na Semana de Arte Moderna, os intelectuais passaram a criticar o modelo importado e a buscar uma cultura mais compatível com a realidade brasileira.

Em 1926, foi inaugurada a Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, que se transformou em marco importante da cultura brasileira e um exemplo para a América Latina. Sua primeira diretora, Adelpha de Figueiredo, foi uma das primeiras bibliotecárias brasileiras, formada pela Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque. Rubens Borba de Moraes foi o segundo diretor (período de 1935-1943), e a ele deve a Biblioteca sua reorganização, cujo plano foi dividido em quatro pontos. Primeiro, a reorganização completa dos serviços técnicos. Segundo, a adoção de esquema de expansão bibliotecária. Terceiro, a formação de pessoal habilitado. Finalmente, o quarto, que privilegiava a cooperação com outros institutos.

Uma das características é que essas instituições na época trabalhavam individualmente, sem nenhum esquema de cooperação bibliotecária, o que prejudicava essencialmente a assistência ao usuário. Sem contar com uma indústria editorial e sem bibliotecas infantis, escolares e públicas para a formação de um público leitor, gerações e

gerações foram formadas utilizando como cultura da informação o *gate keeper* e o colégio invisível, entre as classes elitizadas, e, entre a classe menos favorecida, a informação oral era obtida na Igreja, na escola e entre os líderes comunitários.

No período de 1930 a 1945, durante a Era Vargas, houve grande necessidade de crescimento e surgiu um surto industrial criando uma nova faixa social que era dos operários. Junto com o Dasp, foi criado o salário mínimo e a Usina Siderúrgica de Volta Redonda. Isso propiciou a criação de companhias de produção de motores, caminhões, aviões e todo tipo de rudimento de uma sociedade industrial.

Em 1937, o Governo Vargas criou o Instituto Nacional do Livro, com a finalidade de propiciar meios para a produção, o aprimoramento do livro e a melhoria dos serviços bibliotecários.

A criação de bibliotecas populares me parece uma das atividades mais atualmente necessárias para o desenvolvimento da cultura brasileira. Não que essas bibliotecas venham resolver qualquer dos dolorosos problemas da nossa cultura, o da alfabetização, o da criação de professores do ensino secundário, por exemplo... Mas a disseminação, no povo, do hábito de ler, se bem orientada, criará fatalmente uma população urbana mais esclarecida, mais capaz de vontade própria, menos indiferente à vida nacional. Será talvez esse um passo agigantado para a estabilização de uma entidade racial, que, coitada, se acha tão desprovida de outras forças de unificação. (ANDRADE, M, 1939, p. 7).

Historicamente, a criação do Instituto Nacional do Livro deve-se a dois fatos. O primeiro era uma resposta do governo federal aos intelectuais que haviam participado da Semana de Arte Moderna e que criticavam muito a administração pela falta de uma política cultural. O segundo fator era que havia necessidade de dar especial atenção à nova classe dos operários, pois basicamente a mão-de-obra não era qualificada e o analfabetismo atingia altas proporções nesse segmento.

Logo após a criação do Instituto Nacional do Livro, começaram a surgir críticas sobre a sua viabilidade. De fato, não era fácil propiciar meios para a produção e o aprimoramento do livro. Na área editorial surgiam os primeiros esforços com Monteiro Lobato, a Companhia Editora Nacional, a José Olympio e outros. O livro era visto como um grande risco editorial. Não havia também parques gráficos. A maioria dos autores fazia sacrifícios para pagar a edição, e o sistema de distribuição era concentrado no eixo Rio - São Paulo.

Outro grande problema era compatibilizar as prioridades governamentais na área da cultura e o interesse das editoras privadas. Assim sendo, as primeiras propostas da administração era reeditar os clássicos portugueses e brasileiros no intuito de preservar a memória bibliográfica brasileira. As edições sucessivas da Coleção de Documentos Brasileiros eram a comprovações desse fato. No entanto, as editoras privadas tinham outros objetivos, e o principal era tornar o livro uma atividade empresarial de preferência independente das atividades governamentais.

No duelo travado entre as preferências editoriais faltava um diagnóstico sobre o comportamento do leitor real ou potencial no Brasil. Alguns editores passaram a ter como

linha editorial o livro didático ou de texto, que, além das facilidades propiciadas pelo governo, tinham um público interessado. Assim sendo, a linha editorial não era baseada em preferências do grande público, mas sim em áreas que tinham um público definido.

Era normal que, nessas circunstâncias, a área cultural fosse prejudicada e com isso o próprio livro cultural e a biblioteca pública. Do outro lado ganhava força o livro didático e o livro texto. Apesar de contar com uma soma maior de recursos na área educacional, a biblioteca escolar nunca foi uma instituição privilegiada no referido processo.

Problema na fabricação do papel e celulose, falta de parque gráfico, poucas editoras com qualificação para a produção de livros de qualidade, sistema arcaico na distribuição de livros com um pequeno número de livrarias em todo o território nacional e, principalmente, a falta de um público leitor eram as principais características do incipiente panorama editorial do Brasil. Não era mais um órgão governamental que, como em um passe de mágica, poderia transformar a referida situação.

Se de um lado era extremamente difícil incentivar o desenvolvimento da indústria editorial, muito mais difícil era propiciar os meios adequados para a melhoria dos serviços bibliotecários. A primeira pergunta óbvia era saber que tipo de serviços bibliotecários, porque era impossível, pela falta de recursos humanos e financeiros, privilegiarem indiscriminadamente todos os tipos de bibliotecas, como infantis, escolares, públicas, universitárias e especializadas.

Nesse estudo de prioridades para o desenvolvimento de serviços bibliotecários, ficou comprovada uma tendência de que as bibliotecas especializadas e centros de documentação que começavam a ser criados tinham mais recursos que os demais tipos de bibliotecas. Era uma grande inversão de valores na medida em que as bibliotecas infantis, públicas e escolares, que deveriam privilegiar a formação do leitor, não contavam nem com recursos humanos, nem com recursos financeiros adequados.

A desordem era geral, pois não havia dados e diagnósticos para apontar a situação catastrófica da indústria editorial e dos serviços bibliotecários. *O Guia das Bibliotecas Brasileiras* demorou a sair e, quando foi publicado, mostrou a triste realidade nacional: bibliotecas deficientes, acervos desatualizados, falta de recursos humanos e monstruosa quantidade de livros que não eram acessíveis aos leitores, pois não foram preparados tecnicamente. Não havia uma liderança nacional que pudesse demonstrar na época qual o sistema de processamento técnico que era compatível com a realidade brasileira. Como todos eram importados, os técnicos tomavam decisões sem consultar os poucos usuários que geralmente achavam a catalogação e a classificação muito burocráticas.

A Biblioteca Nacional, por falta de recursos adequados, não exerceu uma liderança adequada na disseminação de metodologias adequadas que pudessem ter um efeito multiplicativo e assim ser compartilhadas por outras bibliotecas brasileiras. No referido período, era necessário que a instituição biblioteca fosse dedicada à

propagação de uma política de leitura. Mas a preocupação predominante era a preservação do material bibliográfico, e muitas se negavam a fazer o empréstimo domiciliar com receio de o livro ser furtado, e assim o profissional teria de dar conta do material permanente. O livro não era somente associado o material permanente, como era também um símbolo de *status* intelectual do seu proprietário. Era comum encontrar livros encadernados nas salas de visita. A encadernação era outro valor atribuído à preservação eterna do livro. Por isso, a idéia do livro descartável ou de consumo demorou muito a chegar ao Brasil.

A outra questão crucial era a questão do leitor. Como se forma um público leitor em um país com problemas educacionais e culturais emergentes que refletiam alto percentual de analfabetismo e desnutrição infantil? E ainda mais: onde as bibliotecas eram vistas como um local de castigo para os estudantes? Richard Bamberger (1977), ao analisar as razões por que em certos países se lê muito mais que em outros, viu que estas se revelaram nos seguintes fatores: 1º) a posição do livro na escala de valores do país, tal como se expressa através dos gastos econômicos destinados à promoção do livro; 2º) a tradição cultural; 3º) as oportunidades de leitura; 4º) o papel representado pelos livros nas escolas e no sistema educacional.

Os gastos econômicos na promoção do livro são mais ou menos recentes nas atividades culturais brasileiras. Na década de 30 a 50, o governo promovia a edição e

distribuição do que considerava patrimônio bibliográfico. Depois, passou a investir muito no livro didático para distribuição gratuita aos alunos da rede de ensino público.

Nesse sentido, não foram raras as práticas desonestas na seleção dos livros a serem adotados. No aspecto relativo à tradição cultural, como já foi visto tanto no período de colonização, como na primeira República, o livro não foi considerado um instrumento valioso de disseminação cultural. As oportunidades de leitura eram raras, a falta de bibliotecas públicas associada ao custo do livro fazia com que a formação do leitor fosse sempre adiada. O papel representado pelos livros nas escolas e no sistema educacional foi sempre um papel secundário, pois não havia bibliotecas escolares, grande parte dos professores era leiga e o que prevalecia sempre era a cópia a dicionários e enciclopédias.

A falta de bibliotecas escolares fez com que os alunos se utilizassem das poucas bibliotecas públicas existentes. À medida que esses alunos ocupavam os assentos das bibliotecas públicas em sua maioria, houve um retraimento da população adulta, ou seja, ocorreu o fenômeno da escolarização da biblioteca pública, que passou a dar prioridade para o atendimento estudantil em detrimento a outros segmentos da comunidade que também necessitavam dos serviços bibliotecários. Os recursos humanos existentes nas bibliotecas públicas atendiam aos estudantes, e os recursos financeiros existentes eram aplicados no livro didático e na compra de dicionários e enciclopédias. Portanto, de pública a biblioteca só tinha o nome, já que a prioridade, por força das circunstâncias, era aplicada no processo educativo. É muito mal aplicada,

diga-se de passagem, pois o responsável, ou, raramente, o profissional da informação, não tinha habilidades para orientar a pesquisa bibliográfica e acabava sempre fomentando a cópia aos dicionários e enciclopédias, sem nunca privilegiar uma pesquisa bibliográfica eficiente ou se utilizar de programas de diversificação da leitura.

Como não havia indicadores que comprovassem a eficiência dessas bibliotecas, o responsável se valia de dados estatísticos provenientes de número de leitores e número de consultas e empréstimos domiciliares. Esses relatórios, geralmente mal elaborados, davam a falsa impressão de eficiência em um modelo de atendimento ao público cada vez mais deficiente.

Era normal e até compreensível que o acesso ao livro não fosse uma preocupação governamental. O governo estava mais preocupado em construir escolas, formar e contratar professores. A biblioteca escolar passava despercebida no processo de ensino-aprendizagem. Falta de livros, de profissionais e de uma consciência sobre a leitura fazia a biblioteca escolar ser sempre incluída nas últimas prioridades. Assim sendo, os professores que foram formados principalmente por escolas normalistas não tinham nenhuma vocação para a leitura ou para formar leitores conscientes da realidade do país. As comunidades e as famílias exigiam escolas, e a biblioteca não fazia parte da estrutura organizacional da escola.

Pior que não contar com biblioteca escolar era a formação de depósito de livros desatualizados que criaram para a biblioteca uma imagem de lugar de castigo e de mofo. Nesse clima, muitas gerações foram formadas, utilizando apostilas e textos mal elaborados sem nenhuma repercussão sobre a teoria e a prática escolar.

A reforma do ensino, elaborada seguidas vezes na história brasileira, nunca deu prioridade à questão da leitura e da biblioteca. As famílias que possuíam melhor poder aquisitivo adquiriam os livros que consideravam importantes no processo de educação dos seus filhos. Se a imagem da biblioteca era de lugar de castigo e de punição, o livro tinha uma imagem de instrumento de elitização por causa do custo. As pessoas colocavam os livros nas salas de visitas para demonstrar que tinham conhecimento e eram consideradas intelectuais. Ter livros era sinônimo de ter poder e conhecimento. O livro era para ser preservado, e não consumido.

Quando os Estados Unidos da América do Norte criaram, com o *pocket books*, o conceito de livro descartável, isso causou um impacto grande na cultura brasileira, pois feria a rotina de encadernar livros para preservá-los. O próprio governo instituiu o conceito de que livro deve ser considerado como material permanente, e não descartável ou como material de consumo. Essa determinação fez com que as bibliotecas demorassem a realizar o empréstimo domiciliar, pois temiam a não - devolução dos livros e as penalidades estabelecidas para o responsável pela biblioteca.

Somente na década de 70 é que surgiram os primeiros estudos e pesquisas relacionados com os usuários. Até então, eles não participavam do processo de tomada de decisão e não eram ouvidos pelos profissionais da informação. Na década de 80, levantamentos comprovaram que a faixa de usuários era pequena e que o importante na política bibliotecária era atingir a grossa fatia dos não-usuários. Começam os primeiros estudos sobre a circulação da informação, e se comprova que a informação que circula nas grandes camadas da população é a oral, obtida geralmente na Igreja e na Escola. A obtenção da informação, para a população carente, era de difícil acesso.

A multiplicação das escolas de biblioteconomia não foi um fator determinante de melhores condições para o acesso da população carente às fontes de informação. O profissional da informação, geralmente, não tinha condições de ser um propagador de uma política de leitura ou de propor metodologias adequadas para a interação da biblioteca com a comunidade.

De qualquer forma, principalmente as bibliotecas públicas dependeram muito da atuação do Instituto Nacional do Livro. Oliveira (1994) afirma que as políticas adotadas pelo Instituto Nacional do Livro, ao longo dos seus 52 anos de atuação, somaram contribuições expressivas e alguns percalços impostos ao desenvolvimento da biblioteca pública no Brasil.

A grande contribuição, segundo a referida autora, foi a contribuição para a incorporação da biblioteca pública à agenda governamental. O crescimento dos acervos e o apoio dado ao desenvolvimento da biblioteconomia no país também foram contribuições notáveis. Entre os erros, assinala a mencionada autora, estão a vinculação da política de bibliotecas à de promoção do livro, a falta de acompanhamento nas transformações ocorridas na sociedade brasileira e uma política conservadora, baseada em conceitos de cultura erudita, de elite (livro como tesouro intelectual, biblioteca como guardiã da cultura), e sua continuidade provocou a estagnação do trabalho da biblioteca.

A criação do Prêmio de Biblioteconomia e Documentação, o estágio remunerado para estudantes de biblioteconomia no atendimento às populações carentes, os carros-biblioteca e caixas-estantes, o sistema de co-edição, os cursos de treinamento intensivo e a obrigatoriedade de o prefeito incluir verba específica para manutenção da biblioteca pública também foram contribuições expressivas que o Instituto Nacional do Livro prestou ao desenvolvimento dos serviços bibliotecários no país.

Algumas dissertações e teses procuram justificar o fraco desempenho das bibliotecas públicas apontando para o processo de colonização, a ideologia dominante, livro e leitura como instrumentos de dominação, a ditadura militar e, mais recentemente, para o neoliberalismo. Na verdade, na procura dos erros para os

próprios fracassos, devemos admitir que, se a biblioteca pública não teve o desenvolvimento esperado, isso se deve às dificuldades que o profissional da informação enfrentou para formar um público leitor, para elaborar diagnósticos consistentes, para vincular a biblioteca com os interesses comunitários e, principalmente, demonstrar a importância dos serviços bibliotecários para o grande público.

4 A CIDADE DE MARACANAÚ

Maracanaú em Tupi significa a lagoa onde bebem as maracanãs. Daí a origem do nome do município. "Surgiu em virtude do grande número de maracanãs que voavam ao longo de suas belas lagoas. E era tão grande a quantidade dessas aves que se tornou comum chamar a região recém-desbravada de terra das maracanãs." (SILVA, 1992, p.11).

A História desta cidade começou com o surgimento das primeiras povoações de 1760 a 1870, a inauguração da linha férrea em 1875, passando a vila em 1882, chegando a distrito em 1906; maracanaú foi sentindo o amadurecimento de uma população, e conquista, em 1938, o distrito de Rodolfo Teófilo (Pajuçara) que pertence a fortaleza. Entretanto, o verdadeiro movimento de emancipação começou com o movimento dos tenentes Mário de Paula Lima e Raimundo de Paula Lima, em 1953, findando com a instalação do município, em 15 de fevereiro de 1959. No entanto, deste a instalação do município a emancipação política de Maracanaú, foram percorridos 26 anos, pois, somente no dia 5 de janeiro de 1985, tomaram posse para exercer um manda de 4 anos o prefeito Almir Dutra, o vice- prefeito José Raimundo e mais treze vereadores.

Maracanaú faz parte da região metropolitana de Fortaleza, com 174.599 (cento e setenta e quatro mil e quinhentos e noventa e nove) habitantes e uma superfície de 82 (oitenta e dois) Km² distando 15 (quinze) km, em linha reta, do centro de Fortaleza. O município foi criado pela Lei N.º.811, de 4 de julho de 1983, emancipando-se de Maranguape. Do ponto de vista da divisão político-administrativa, Maracanaú possui dois distritos: pajuçara e sede. A lei de diretrizes Orçamentárias (Lei N.º 557, de 26 de maio de 1997), estabeleceu, para fins de

planejamento das ações da prefeitura, a divisão do município em seis " áreas de desenvolvimento local- ADL", agregando os diversos bairros e localidades:

- **ADL 1** - Jenipapeiro, Novo Maracanaú, coqueiral, Piratininga, Centro, Alto da mangueira, Boa Vista, Picada. Escola de menores, Horto, Olho D'água e Santo Antônio.
- **ADL 2** - Jereissati e Timbó
- **ADL 3** - Pajuçara, Jardim Bandeirante, Menino Jesus de Praga, Parque Progresso, Jardim Paraíso, Alto da Bonanza, Boa esperança e Novo Mondubim I.
- **ADL 4** - Novo Mondubim II, Planalto Cidade Nova, Esplanada do Mondubim, Industrial e Alto Alegre II.
- **ADL 5** - Alto Alegre I, Vila Buriti, Novo Oriente, Jardim Maravilha, Acaracuzinho e Santo Sátiro.
- **ADL 6** - Siqueira, Parque Nazaré, Jardim Jatobá, Parque São João, Parque Jarí, Parque Santa Maria, Jaçanaú, Parque Tijuca, Mucunã, Cágado, Luzardo Viana e Pau Serrado.

4.1 A comunidade de Maracanaú

A População de Maracanaú, em 2000, segundo o documento contagem da população do IBGE, totaliza 174.599 habitantes, dois quais 174.007 (cento e setenta e quatro mil e sete habitantes, ou seja, (99,68%) residem no meio urbano e apenas 502 (Quinhentos e

dois) habitantes, ou seja, (0,4%) na área rural, o que caracteriza o município como predominantemente urbano.

Esta população está distribuída em dois distritos censitários, compreendendo a sede do município com 139.394 habitantes, isto é, 80% do total; e o distrito de pajuçara com 26.524 moradores, isto é, 17% do total. A distribuição por sexo revela a existência de 81.061 mulheres, ou seja, 50,6%; e 79.004 homens, ou seja, 49,4%. Sendo Maracanaú o quarto município cearense em população.

A densidade demográfica de maracanaú é das mais elevadas, com 1780 habitantes por Km², estando abaixo apenas de Fortaleza, que apresenta uma concentração populacional de 6.845 pessoas por Km². Essa elevada densidade demográfica de Maracanaú evidencia o caráter tipicamente urbano do município, conforme foi comentado anteriormente.

A distribuição da população de Maracanaú revela a predominância de jovens, pois, 52% de seus habitantes apresentam idade inferior a vinte anos, e 30% não completaram dez anos de Nascidos. A faixa etária de vinte a sessenta anos, que se constitui na principal força de trabalho, detém 44% do total, percentual menor que os inativos representados por crianças e idosos com mais de sessenta anos, os quais somados representam 56 % da população.

Fortaleza é o foco de atração da população migrante e não mais suportava respirar a fumaça do seu progresso nem conviver com a grande massa dos seus trabalhadores, assim

pensavam os seus planejadores. Isto levou os planejadores a imaginar áreas especialmente para colocar os trabalhadores nas periferias, com a construção dos conjuntos habitacionais. Maracanaú, portanto, desponta como o local preferencial, aos olhos do governo, para a implantação do Distrito Industrial, pela sua proximidade de Fortaleza e por ser praticamente desabitado.

A Atividade econômica de maracanaú está centralizada fundamentalmente no setor industrial. Os dados do Iplace revelam que o produto Interno bruto- PIB de maracanaú alcançou, em 1995, a soma de 1 bilhão e 294 milhões de reais, número que representa 10% de todo o PIB do estado. Na composição do produto interno de Maracanaú, a indústria participa com R\$ novecentos e vinte e três milhões ou 71% do total.

Assim, o trabalho industrial muda a cara de maracanaú proporcionado a implantação dos conjuntos habitacionais responsáveis pelo aumento populacional, cerca de 405% somente em uma década. Nos conjuntos Jereissati I e II existem 9 mil prédios e uma população de 40 mil habitantes já o conjunto Novo Maracanaú existe uma população aproximada de 7 mil habitantes, transformando-se num bairro da sede municipal, pois, encontra-se no centro geográfico do município. Para a primeira aglomeração dos operários, foi construído o conjunto industrial, cuja inauguração oficial se deu no dia 14 de novembro de 1979 e uma população aproximada de 6 mil 410 habitantes.

O Conjunto Acaracuzinho é o conjunto mais popular, conta com 7984 mil habitantes e o conjunto Novo Oriente conta com uma população aproximada de 3352 mil habitantes. Ambos inaugurados em janeiro de 1983. O conjunto Timbó é caracterizado como um conjunto eminentemente popular, ainda do tordo de pouca infra - estrutura, sua população converge para os conjuntos Jereissati e para o Novo Maracanaú.

4.2 A biblioteca pública de Maracanaú.

A verdadeira missão ou objetivo da biblioteca pública tem sido discutido pelos especialistas da área em artigos, livros e em numerosos congressos nacionais e internacionais. No entanto, a biblioteca pública mantida pelo governo tem por objetivo primordial preservar e difundir o conhecimento, principalmente no que se refere à cultura. É, dentre todos os tipos de bibliotecas, a única que possui realmente características de uma instituição social, tanto pela amplitude de seu campo de ação como pela diversificação de seus usuários. É um centro de educação permanente. A biblioteca pública tem de promover atividades de lazer ou culturais que satisfaçam as necessidades da comunidade dentro da qual opera.

Portanto, qualquer que seja o seu objetivo, seja economicamente rica ou pobre, rural ou urbana, a biblioteca pública terá de ter sua finalidade e em sua concepção tem de existir democracia para que seu serviço se estenda a todos seus usuários, quer seja real ou potencial.

Do ponto de vista histórico, conforma o estudo feito por Susana Muller diz:

“O papel da biblioteca pública evoluiu ou foi se alterando, de uma instituição voltada à educação do cidadão, do alargamento da sua cultura e do seu lazer, para estas novas funções, de caráter comunitário, ligados à necessidade de informação para atividades diárias” (MULLER, Susana apud FIGUEIREDO, Nice Menezes de, 1996 p.107)

O fator que aciona ou condiciona estas mudanças do desempenho e uso das bibliotecas públicas é o contexto de um dado momento histórico e é para este contexto de mudanças políticas e sociais que estão ocorrendo no país que os bibliotecários brasileiros devem estar atentos. É o momento propício para implantações de serviços realmente relevantes à comunidade que passaria a servir não apenas àqueles indivíduos alfabetizados da classe média e estudantes que procuram a biblioteca, mas sim a grande massa de desvalidos, desfavorecidos e oprimidos que não tem conhecimento do que pode significar uma melhoria real, o alcance de uma solução e a obtenção de um benefício social.

Por serviços de informação em bibliotecas entendemos todos aqueles trabalhos bibliotecários que são dirigidos de maneira mais direta aos seus usuários. Hoje em dia, para que uma biblioteca pública possa atuar como um sobrevivência nos sistema de informação, ela necessita, além de prestar os serviços enunciados, dispor informações vitais necessárias à grandes centros urbanos. A tendência atual no trabalho bibliotecário é a organização de cadastros e arquivos, catálogos, dados, fontes de informação e referencial para servir à sua comunidade no seu cotidiano.

Enfim, a biblioteca tem como obrigação coletar, organizar e disseminar as informações da forma mais precisa para melhor servir seus usuários. Como disse Nice Menezes Figueiredo:

“A biblioteca pública possui uma riqueza imensa de recursos informacionais e o bibliotecário possui capacidade técnica para coletar, editar e processar informações que podem ser desenvolvidas para o interesse da comunidade”. (FIGUEREIDO, Nice Menezes, 1996, p.112)

Contudo, a biblioteca pública municipal de Maracanaú João Pereira de Andrade, inaugurada no dia 4 de fevereiro de 1987, tem passado por um longo período de desconhecimento, abandono e degradação por parte da comunidade e das entidades competentes. A biblioteca, que não tem missão ou mesmo objetivos pré-estabelecidos, vem tentando sobreviver e respirar diante a tanta ignorância e desprezo. Ela está localizada no centro da cidade, localidade nobre, privilegiada e de fácil acesso. Porém, o que se constata é que poucas pessoas da comunidade maracanauense a conhece ou mesmo sabe de sua existência. Mesmo com todas as vantagens de sua boa localidade, sua estrutura física e fachada não chamam a menor atenção dos transeuntes, pelo contrário, afastam os poucos usuários que costumam freqüenta-la.

Na parte da frente da biblioteca tem um estacionamento que não pertence a ela, mas é utilizado pelos poucos usuários da biblioteca que possuem automóvel. Possui também um bicicletário que quase nunca é utilizado pelos usuários devido ao sol que reflete durante todo o dia, não só na frente da biblioteca, mas nela toda.

Entretanto este prédio é provisório há muito tempo, finalmente, está em fase de acabamento um novo prédio para abrigar a biblioteca e, possivelmente, um centro cultural.

Os usuários, que na sua grande maioria procuram a biblioteca para fazer pesquisas escolares, encontram um acervo desatualizado, pequeno e sem muita variação e as assinaturas dos periódicos foram canceladas.

Um fator muito importante e decisivo no processo de desenvolvimento da biblioteca e na satisfação dos usuários é o atendimento que está deixando a desejar, devido a falta de treinamento dos usuários e da má divisão de tarefas.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada durante o período de agosto de 2003 a janeiro de 2005 com o intuito de observar e entrevistar tanto funcionários, como também, os usuários da biblioteca pública de Maracanaú. As entrevistas foram do tipo estruturada, como já debatida sob circunstâncias da realização do projeto de pesquisa que até então seria realizado. Foram entrevistados todos os funcionários e um total de 50 usuários da biblioteca.

Com base nos resultados da pesquisa têm-se as seguintes tabelas:

Tabela 1 – Demonstrativo da porcentagem equivalente a idade dos usuários.

IDADE	PORCENTAGEM
Até 20 anos	45%
20 a 60 anos	28%
Menos de 10 anos	20%
Acima de 60 anos	7%
Total	100%

Tabela 2 – Demonstrativo da porcentagem do grau de escolaridade dos usuários.

ESCOLARIDADE	PORCENTAGEM
Ensino Fundamental I	20%
Ensino Fundamental II	30%
Ensino Médio	40%
Ensino superior	5%
Semi - alfabetizado	5%
Total	100%

Tabela 3 – Demonstrativo da porcentagem correspondente as áreas residenciais dos usuários.

ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL - ADL	PORCENTAGEM
ADL 1	30%
ADL 2	50%
ADL 3	15%
ADL 4	5%
ADL 5	0%
ADL 6	0%
Total	100%

Tabela 4 – Demonstrativo da porcentagem de frequência dos usuários na biblioteca.

FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Diariamente	30%
Semanalmente	15%
Mensalmente	35%
Raramente	20%
Total	100%

Tabela 5 - Demonstrativo da porcentagem acerca do gosto de pela leitura.

GOSTO PELA LEITURA	PORCENTAGEM
SIM	70%
NÃO	30%
Total	100%

Tabela 6 – Demonstrativo da porcentagem sobre o gosto de leitura dos usuários.

GOSTO DE LEITURA	PORCENTAGEM
-------------------------	--------------------

Literatura	50%
Jornal	10%
Revistas	25%
Escolares	10%
Técnicos	5%
Total	100%

Tabela 7 - Demonstrativo da porcentagem dos meios de divulgação da biblioteca sob a visão dos usuários.

DIVULGAÇÃO	PORCENTAGEM
Escola	35%
Amigos	50%
Associação comunitária	0%
Meios de comunicação	15%
Total	100%

Tabela 8 - Demonstrativo da porcentagem das sugestões dos usuários correspondente às áreas de melhoramento.

ÁREAS DE MELHORAMENTO	PORCENTAGEM
Instalações	100%
Acervo	70%
Atendimento	90%
Total	260%

Tabela 9 - Demonstrativo da porcentagem do grau de satisfação dos usuários acerca dos serviços da Biblioteca.

SERVIÇOS	PORCENTAGEM
Ruim	20%
Regular	60%
Bom	10%
Ótimo	10%
Excelente	0%
Total	100%

Com o levantamento da pesquisa vimos que todos os entrevistados afirmaram que existe a necessidade de melhorar as instalações, haja visto que, as instalações internas e externas precisam de uma reforma emergencial, porém com muita qualidade para que possa oferecer o maior conforto aos usuários e garantir a preservação do acervo. É preciso também, aumentar o número de funcionários e melhorar as condições de trabalho. A compra de novos equipamentos ajudaria a realização das tarefas.

Os usuários, alvo central do nosso projeto, apresentam-se como estudantes, totalizando cerca de 60% da comunidade de Maracanaú, mas deste índice apenas 2,5% freqüentam a biblioteca. Em suas declarações relatam que gostam da biblioteca e que sempre acham o que procuram, embora, são unânimes ao declarar que a biblioteca precisa de muitas mudanças.

Em 2004, estudando as necessidades informacionais da comunidade, observou-se prioridades para a coleta e disseminação nas bibliotecas públicas de informação utilitária que ajudaria as pessoas a resolver os problemas cotidianos. Os estudos realizados demonstram que, para as populações carentes, a informação oral é até mais importante que a informação bibliográfica. À medida que a biblioteca pública decida implantar um serviço de informação utilitária, dará um grande passo, contribuindo para a formação da cidadania, e poderá se tornar um real centro disseminador da informação.

Na verdade, ainda são poucas as bibliotecas públicas que elaboram diagnósticos sobre as necessidades informacionais, estudos e perfil dos usuários. Nos Estados Unidos, esses estudos são freqüentes e colaboram para maior interação biblioteca e comunidade. Dois deles marcaram época, D'elia (1980) e Madden (1979). O modelo confeccionado por D'Elia partia das seguintes variáveis como componentes da pesquisa: a) características individuais dos usuário; b) opinião e conhecimento dos serviços bibliotecários; c) acessibilidade por parte dos usuários à biblioteca; d) facilidade para utilizar a biblioteca; e) utilização de outras bibliotecas.

Para levar a cabo essa investigação, reuni dados baseados em uma amostra de 50 usuários do catálogo da Biblioteca pública de Maracanaú. Estabeleceu-se então que seriam entrevistadas as donas de casa ou os indivíduos maiores de 18 anos. Dos

entrevistados, 80% foram caracterizados em função de três possíveis fatores: a) utilização ou não da biblioteca; b) frequência de uso; c) intensidade da utilização.

A frequência de uso foi medida pelo número de vezes que os entrevistados iam à biblioteca, assim como pelo número de vezes que haviam telefonado para a biblioteca no ano anterior. A intensidade foi medida com base na duração da visita à biblioteca.

De acordo com o resultado da investigação, constatou-se que os usuários se diferenciavam dos não-usuários pela frequência com que acudiam aos acontecimentos culturais, assim como pelo seu nível de hábito de leitura. Baseando-se em uma pesquisa sobre usuários e não - usuários de bibliotecas públicas do Ceará, chegou às seguintes conclusões: a) a utilização das bibliotecas está muito relacionada com outras atividades. Uma pessoa que realiza outras atividades, como política, desportos etc. é provavelmente usuário da biblioteca; b) a mulher que não utiliza a biblioteca não participará seguramente de outros programas desenvolvidos por aquela. Seus interesses e atividades de grupo são muitos limitados, e a biblioteca pouco lhe oferece, pois ela não tem intenção de variar e ampliar suas atividades cotidianas.

Muitos bibliotecários contradizem essa conclusão, mas mostra-se evidente que a biblioteca não representa o aspecto principal da vida dessas pessoas; c) muitos não-usuários poderiam ser conquistados por meio de grandes campanhas publicitárias, muito especialmente relacionados com aperfeiçoamento doméstico e carro-biblioteca. Muitos homens não - usuáries poderiam se tornar usuáries, desde que a biblioteca dissemine livros e serviços relacionados com os seus interesses; d) os usuáries assíduos da biblioteca possuem uma variedade de interesses tão grande, que as bibliotecas teriam dificuldades para definir suas necessidades. Por outro lado, os usuáries representam uma pequena porcentagem do total da população, o que representa uma dúvida a respeito do emprego dos recursos em materiais destinados a este grupo; e) os usuáries moderados, de ambos os sexos, são um público que merece uma atenção especial. Cabe às bibliotecas organizar uma coleção dirigida aos anseios das aspirações da comunidade.

Portanto, à medida que a biblioteca periodicamente elabora diagnóstico representativo dos anseios da comunidade na área da informação, aumenta o grau de interação entre ambos, fortalecendo indicadores que vão possibilitar a elaboração de um planejamento estratégico. Geralmente o planejamento estratégico possibilita a execução de metas a curto, médio e longo prazo. No processo de tomada de decisão para a elaboração do referido planejamento, a comunidade, composta de usuáries potenciais e reais, deve ter participação relevante.

Em um artigo publicado na *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Tarapanoff & Suaiden (1995) fazem uma abordagem detalhada do planejamento estratégico das bibliotecas públicas brasileiras e demonstram que, devido a uma série de fatores, sendo o principal a falta de integração com a comunidade, houve um custo exagerado para pouco benefício no investimento em bibliotecas públicas. Outra conclusão importante do trabalho é a necessidade de conscientização social da comunidade, a formação para a cidadania, para que o usuário potencial, membro da comunidade, possa efetivamente entender e expressar as suas necessidades cotidianas e informacionais.

É importante entender que a sociedade brasileira passa por importantes transformações. A edição 1.426 da revista *Veja*, publicada em 10/01/96, demonstra, através de um convênio da Editora Abril com o Instituto Vox Populi, que o caráter do brasileiro mudou, sua avaliação é positiva e ele superou os mitos antigos do malandro cordial e do grande derrotado. Infelizmente, essas mudanças de comportamento, de hábitos e crenças não são utilizadas pelas bibliotecas públicas como parâmetros para modernização das atividades e vinculação com os novos tempos e conseqüentemente com a comunidade. Além disso, devemos ressaltar que as bibliotecas públicas, inclusive para demonstrar o custo-benefício dos produtos e técnicas na interação com a comunidade. São muitas as técnicas de prospecção, sendo as mais recomendadas as seguintes: os cenários, monitoramento tecnológico, *brainstorming* e grupo focal.

A técnica de cenários se utiliza para identificar tendências e observar variáveis, tais como o desenvolvimento das coleções, as necessidades de novos produtos e serviços, assim como o melhoramento das condições educativas e culturais da comunidade. A técnica de monitoramento tecnológico tem características particulares de observação de fatores científicos, telemáticos e tecnológicos que podem afetar a biblioteca pública e a comunidade. O *brainstorming* estimula respostas criativas em um grupo de pessoas com o fim específico de solucionar problemas gerados pela integração da biblioteca com a comunidade. Nessa técnica é importante compartilhar com a comunidade a tomada de decisão, principalmente nos momentos difíceis como cortes orçamentários.

No grupo focal, realizam-se entrevistas gravadas com técnicos, usuários, não-usuários e membros da alta hierarquia, mediante duas perguntas básicas: Como é a biblioteca hoje? Como deveria ser a biblioteca? A tabulação e análise dos resultados permitirão à biblioteca elaborar estratégias de acompanhamento do próprio desenvolvimento comunitário.

Na busca de um caminho que possibilite à biblioteca pública ser uma entidade expressiva na sociedade da informação, a segmentação de mercado representa a grande alternativa dos novos tempos. Philip Kotler (1995) desenvolveu investigações envolvendo a área de segmentação de mercado como uma forma de delimitar as áreas de interesses e, assim, tornar os serviços e produtos mais eficientes, ou seja, ao gosto da clientela. O chamado *marketing* de mercado-alvo necessita de três etapas principais.

A primeira é a segmentação de mercado, o ato de dividir um mercado em grupos distintos de compradores, que podem exigir *mix* de produtos e/ou de *marketing* distintos. A empresa identifica maneiras diferentes para segmentar o mercado e desenvolver os perfis dos segmentos resultantes. A segunda etapa é o ato de desenvolver medidas de atração de segmentos e de escolher um ou mais segmentos de mercado em que vai atuar. A terceira etapa é o posicionamento do produto, o ato de estabelecer posicionamento viável competitivamente para a empresa e oferecê-lo em cada mercado-alvo. As características que deve possuir o segmento escolhido são exclusividades, exaustividade, verificabilidade e acessibilidade.

Basicamente, são três modelos de estratégia que podem ser utilizados pelos serviços de informação: 1. *marketing* indiferenciado: a biblioteca tenta atender a todos os segmentos do mercado, oferecendo a todos idênticos serviços e produtos. Esse geralmente é o modelo adotado pelas bibliotecas públicas brasileiras; 2. concentração de mercado: a biblioteca concentra seus esforços somente em um segmento específico, proporcionando um excelente serviço em detrimento de outros segmentos considerados menos receptivos; 3. *marketing* diferenciado: a biblioteca estuda as características diferenciadas de cada segmento e prepara uma estratégia para atender às necessidades de cada um de maneira específica.

Portanto, segmentação de mercado é um processo que apresenta a definição de grupos homogêneos de clientes em função das seguintes variáveis: necessidades, desejos, características geográficas, demográficas e socioeconômicas.

No caso específico da biblioteca pública de Maracanaú, justifica-se a utilização de técnicas de segmentação de mercado, pois os interesses informacionais da comunidade são heterogêneos e os recursos disponíveis nem sempre são suficientes para atender a esse tipo diversificado de demanda.

Para a seleção do segmento adequado, geralmente se utilizam duas variáveis; A primeira é a que se chama força organizacional, ou seja, os pontos fortes da biblioteca relacionados com o desenvolvimento das coleções, os recursos humanos e os produtos e serviços disponíveis para a comunidade. A segunda é a atração de mercado, que deve refletir sobre os pontos fortes do segmento a ser escolhido com os recursos disponíveis na biblioteca.

Na medida em que as duas variáveis se cruzam e os pontos fortes são coincidentes, aquele segmento terá condições de ser viabilizado sem grandes esforços financeiros e humanos. Se os pontos fortes não coincidem, a biblioteca terá de realizar

um esforço maior financeiro e de capacitação de recursos humanos para viabilizar a proposta de segmentação de mercado.

Portanto, à medida que a biblioteca pública se vincular adequadamente com a comunidade, ela passará a ser o caminho que possibilitará a participação efetiva na sociedade da informação. Isso é de extraordinária importância em um país onde a desinformação atinge altas proporções, e, sem essa oportunidade, milhares de pessoas jamais terão oportunidade de entender e de ter noção dos seus direitos e deveres em uma sociedade globalizada, pois o acesso à informação, nos novos tempos, significa o investimento adequado para diminuir as desigualdades sociais e as formas de dominação que foram dominantes na história contemporânea.

Para Fischmann (2000), as possibilidades trazidas pelas novas tecnologias são exemplificativas dos tempos em que vivemos. A ampliação de oportunidades de informação e de comunicação corresponde a aumento de sentimentos de impotência, de frustração e de inadequação. Tomamos consciência do quanto existe disponível e de nossa impossibilidade de absorver tudo que gostaríamos. Em buscar de aproveitar as oportunidades de informação e de novas formas de comunicação, vamos para o computador, acessamos a Internet e olhamos extenuados: como enfrentar esse oceano de informação que se nos apresenta? Mais fácil desistir. Não perdendo, é claro, a oportunidade de vivenciar sentimentos de impotência e ignorância. É interessante essa possibilidade que se apresenta ao ser humano: pode conhecer mundos antes inacessíveis e também entrar em contato com a própria ignorância. Além disso, devemos destacar que as novas tecnologias produziram um usuário crítico e

independente com relação aos serviços bibliotecários. Ele é mais crítico e independente, na medida em que sabe que a biblioteca não é a única fonte de informação, e às vezes, para obter informações precisas e com qualidade, tem de se utilizar novas tecnologias de informação.

Para os profissionais da informação, o bibliotecário dentre eles, as mudanças estão afetando de maneira mais complexa, seus tradicionais modelos de trabalho, isto porque, o objeto de trabalho destes profissionais “é a informação (...) e seu knowhow e tecnologia própria são os processos ligados ao ciclo documentário ou informacional” (TARAPANOFF, 1996, p.115). A informação, portanto, como objeto de trabalho e estudo do bibliotecário, tem sido afetado pelas tecnologias de informação, modificando seu formato, seu suporte, seu processamento e disseminação, influenciando na forma de mediação entre o bibliotecário e o usuário.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para discutir o papel da biblioteca pública no contexto da Sociedade brasileira, devemos analisar previamente a representação social dos dois segmentos. Com relação à sociedade da informação, devemos destacar que a maioria dos países já está consignando orçamento específico para a sua implantação. Alguns países privilegiam as questões tecnológicas; outros, as regiões desprovidas de infra-estrutura de comunicação e serviços bibliotecários.

Há um crescimento da literatura sobre sociedade da informação, mas, na verdade, não há um crescimento do acesso à informação. No final da década de 80, especialistas afirmaram que a sociedade da informação seria uma sociedade voltada para o compartilhamento dos recursos e para o bem-estar social.

As primeiras avaliações apontam que as desigualdades estão aumentando, e, na atualidade, os donos do poder são os donos dos meios de comunicação. A sociedade da informação traz no seu bojo as questões da globalização, das novas tecnologias e do modelo de desenvolvimento sustentável. Essas questões apresentam contrastes marcantes do ponto de vista social. Segundo Santos (2000), a globalização exige, de todos atores, de todos os níveis e em todas as circunstâncias, que sejam competitivos. Esse processo exige que empresas, instituições, igrejas e bibliotecas sejam competitivas. A competição acaba estimulando a violência (talvez o maior problema social da atualidade), porque a regra que vigora é a regra do resultado. Não

existe ética. Quando, por exemplo, privilegia-se, no ensino secundário, a formação técnica, sem nenhum conteúdo humanístico, está se criando mais um fator que estimula atividades violentas. Além disso, devemos destacar que a globalização é um navio e o ingresso é o conhecimento e a informação, não há lugar para os analfabetos e para as pessoas que não apresentam mão-de-obra qualificada.

.No modelo de desenvolvimento sustentável, também um modelo altamente comprometido com resultados, é fácil observar que os problemas sociais aumentaram e que as verbas destinadas ao acesso à informação são extremamente ridículas. O preço do livro associado à falta de tempo e motivação para a leitura e obviamente a carência de bibliotecas públicas e escolares conduzem ao processo de desinformação. Parte expressiva da população brasileira ainda não tem noção de cidadania, ou mesmo de direitos e deveres, o que aumenta o desemprego e os problemas sociais.

O modelo de desenvolvimento sustentável se baseia em um governo trabalhando por objetivos e distribuindo o orçamento de acordo com os resultados alcançados. A área cultural, que historicamente deteve a menor fatia do bolo orçamentário, necessita, acima de tudo, receber recursos da iniciativa privada como a Lei Rouanet e a Lei de Incentivo à Cultura. Esses instrumentos de captação de recursos são mais utilizados na música, no cinema, no teatro, do que na biblioteca.

Nesse processo de globalização, de novos paradigmas tecnológicos e sociais e do modelo de desenvolvimento sustentável, caberá à biblioteca pública trabalhar no sentido de corrigir as deficiências do passado, como criar uma interação adequada com a comunidade e implantar produtos que de fato facilitem o acesso à Sociedade da Informação.

No prefácio do livro *Biblioteca pública e informação à comunidade* (Suaiden, 1995), o professor Antonio Agenor Briquet de Lemos pergunta: Para que servem as bibliotecas? Não é uma pergunta fácil de ser respondida na medida em que os profissionais da informação acreditam nos postulados teóricos disseminados ao longo dos cursos de graduação e pós-graduação. Mas, com certeza, a sociedade não terá as mesmas respostas dos profissionais da informação. Isso está claro no livro *Conceito de biblioteca* (Targino, 1984), pois a comunidade ou não sabe responder à pergunta acima formulada, ou responde com afirmações que nada têm a ver com as respostas dos bibliotecários.

Na verdade, os diversos segmentos da sociedade têm expectativas diferentes em relação ao papel da biblioteca pública. A indústria editorial acredita que o objetivo fundamental é a formação de um público leitor. Os educadores acreditam que a biblioteca deve ser o alicerce do processo ensino-aprendizagem. Os intelectuais

acreditam que deve ser um espaço rico em literatura de ficção. O trabalhador comum não vê a biblioteca como um local para solucionar os problemas cotidianos.

A própria denominação “*biblioteca pública*” pressupõe uma entidade prestando serviços ao público em geral, independentemente das condições sociais, educacionais e culturais. Nesse aspecto, reside a grande falha da biblioteca pública, pois, até hoje, o único segmento da sociedade que é atendido parcialmente, em pequena proporção, é o dos estudantes de primeiro e segundo graus.

Na batalha que trava para responder às inquietações da sociedade sobre o seu papel, a biblioteca pública perde cada vez mais prestígio e poder, deixando de ser o grande centro disseminador da informação, por tentar “ser tudo para todos”.

A produção bibliográfica da área tenta apontar uma série de caminhos que possibilitem à biblioteca pública encontrar a sua verdadeira identidade como uma instituição eficiente na formação da cidadania e na melhoria da qualidade de vida da sociedade.

Suaiden (1980) realizou um levantamento das condições de 25 bibliotecas públicas estaduais. As conclusões revelaram que, na maioria, não havia profissionais qualificados, o acervo era deficiente e apenas um percentual mínimo da comunidade era atendido pela biblioteca. A grande massa da população, portanto os não-usuários, desconhecia a instituição, e as autoridades não encontravam razão para investir na biblioteca.

Estamos vivendo, certamente, num mundo de profundas e céleres mudanças paradigmáticas nos campos científico, tecnológico, político e social. E neste mutável mundo de hoje, em que tudo acontece com uma rapidez incrível, só resta mesmo uma saída, tanto para as organizações como para os indivíduos, ousar/mudar[...] (Muller 1995, p.42).

A sociedade da informação é diretamente proporcional aos investimentos de um determinado país em educação, ciência e tecnologia. Pode-se observar que o imperialismo econômico atual, ataca com armamento não tradicional – não está se falando aqui de armas tradicionais como bombas, ou ainda de armas modernas como agentes químicos ou biológicos, isto é, armamento informacional. O poder das nações, ou das organizações, uma vez que o mundo globalizado é uma realidade, perpassa pela informação.

O valor que a sociedade atribui à informação, também é diretamente proporcional ao seu desenvolvimento, quanto mais desenvolvido um país, maior é o nível de produção informacional, conseqüentemente maior é o valor que a sociedade daquele país outorga à informação. De outro lado, os países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, produzem um menor número de informações e a sociedade não atribui valor à informação.

O profissional da informação precisa estar em sintonia com esta realidade e se readequar para enfrentar as mudanças cada vez maiores. “A grande mudança na área de biblioteconomia é a mudança do paradigma do acervo para o paradigma da informação” (VALENTIM, 1995, p.4).

A informação como objeto de estudo e de trabalho, é o ponto norteador para a atuação do profissional bibliotecário. É necessário que o ensino da biblioteconomia, tanto o de formação quanto o de atualização, imprima esse paradigma. Assumir este paradigma é fundamental, “... ser um profissional da informação é fundamental” (Marchiori, 1996, p.32).

Segundo Müller “o profissional que devemos ser é vivo e atuante. Como? Através do aprimoramento contínuo e afinado com a realidade” (1996, p.271). Esse aspecto dinâmico que o profissional da informação deve ter, como propõe Müller, somente será

possível a partir de uma postura crítica de si mesmo e uma busca constante pela atualização e adequação às mudanças paradigmáticas.

O moderno profissional da informação, portanto, deve perceber claramente seu papel de processador e filtrador da informação e utilizá-lo de forma coerente e eficiente, voltado para o usuário/cliente.

Novas mediações da informação entre o profissional da informação e o usuário devem ser estudadas e implementadas, assim como a disseminação da informação e seus canais de distribuição devem ser reestruturados. No caso específico da mediação da informação, as tecnologias de informação têm afetado e afetarão sobremaneira a forma e o meio de mediar. A Internet, por exemplo, modificou a forma e o meio quanto a busca da informação, conseqüentemente, modificou também a forma e o meio de mediar a informação.

O moderno profissional da informação deve antever as mudanças nos canais de distribuição de informação e é necessário que ele esteja preparado para esses novos canais de distribuição da informação. A partir desta percepção, modifica-se a forma e o meio de mediar, adequando-se e desenvolvendo modelos eficazes para atender as novas realidades.

Assim, diante todos estes fatos, desenvolvemos este projeto para melhorar os serviços oferecidos e atender as necessidades dos usuários. Oferecemos uma oportunidade à biblioteca e a comunidade de se valorizarem e aos seus funcionários, acrescentando à sua estimável missão cultural, educacional e recreativa, uma tarefa informacional básica à melhoria do padrão de vida das nossas camadas de vida menos favorecidas. Tarefa esta, de fundamental importância para um profissional que anseia por um papel de significado social para se justificar, crescer e merecer reconhecimento.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: UEL, 1997. 171p.

ANDRADE, Ana Maria Cardoso de. Objetivos e funções da biblioteca pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.8, n.1, p. 48-59, mar.1979.

_____, MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade. Objetivos e funções da biblioteca pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.14, n.1, p.106-122, mar.1985.

ANDRADE, Mário. Bibliotecas populares. **Revista Livro**, v. 2, n. 5, p. 7, 1957.

ARAÚJO, Walkíria Toledo de. A biblioteca pública e o compromisso social do bibliotecário. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.14, n.1, p. 106-22, mar.1985.

BALAYÉ, Simone. **La bibliothèque nationale des origines à 1800**. Genebra: [s.n.], 1988.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo : Cultrix, 1977. 117 p.

7 REFERÊNCIAS

D'ELIA, G. P. M. Development and testing of a conceptual model of public library user behavior. **Library Quarterly**, n. 50, p. 410-430, oct. 1980.

FISCHMANN, Roseli. Fragmentos tecnológicos. **Correio Braziliense**, Brasília, 4 set. 2000. p. 5.

FLUSSER, Victor. Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.9, n.2, p. 131-138, set.1980.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, c1992. 153p.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Moderno profissional da informação: elementos para sua formação no Brasil. **Transinformação**, Campinas, v.9, n.1, p.124-137, jan./abr. 1997.

GOMES, Sônia de Conti. Biblioteca e sociedade: uma abordagem sociológica. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.11, n.1, p.14-21, mar.1982.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle.** São Paulo : Atlas, 1995. 848 p.

LIMA BARRETO, A. H. **Triste fim do Policarpo Quaresma.** São Paulo: Brasiliense, 1976.

MADDEN, M. **Lifestyles of library user and nonuser.** [s. l.] : University of Illinois. Graduate School of Library Science, 1979. 44 p. (Ocasional papers, 137).

MARCHIORI, Patrícia. **Que profissional queremos formar para o século XXI – graduação.** **Informação&Informação**, Londrina, v.1, n.1, p.27-34, jan./jun. 1996.

MODERNO profissional da informação: o perfil almejado pelos cursos de biblioteconomia brasileiros. Porto Alegre : ABEED, 1998. 109p. (Documentos ABEED, n.13) MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** Tradução: Pedro Maia Soares. 4. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 405p.

MARINHO, Francisco Allan Kardec. **Emancipação o sonho conquistado.** 1996

MILENESI, Luiz. **O que é biblioteca**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 107p.

MULLER, Susana P. M. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.13, n.1, p. 7-54, mar.1984.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Formação profissional e educação continuada – que profissional devemos ser? IN: Simpósio Brasil-Sul de Informação, Londrina, 27 a 30 de maio de 1996. **Anais...** Londrina : Editora UEL, 1996. p.253-272

MULLER, Mary Stela. Mudar é preciso. **Informação&Informação**, Londrina, v.0, n.0, p.42-46, jul./dez. 1995. NOGUEIRA, Maria Cecília Diniz. Biblioteca pública: a ambivalência de seu papel. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.15, n.2, p. 222-248, set.1986.

_____. A realidade da biblioteca pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.12, n.2, p. 205-212, set.1983.

OLIVEIRA, José Teixeira. **A fascinante história do livro**: Grécia e Roma. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993. V.4.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates. **A biblioteca fora do tempo: políticas governamentais de bibliotecas públicas no Brasil, 1937-1989.** 1994. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

PERIÓDICO do sistema nacional de bibliotecas. **Biblioteca Pública: Manifesto UNESCO,** 1994. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, v. 1, n.1, ago. 1995. Encarte especial.

SANTOS, Jussara Pereira. O moderno profissional da informação: o bibliotecário e seu perfil face aos novos tempos. **Informação&Informação,** Londrina, v.1, n.1, p.5-13, jan./jun. 1996.

SANTOS, Milton. Entrevista. **Jornal do Brasil,** Rio de Janeiro, 27 ago. 2000.

SMIT, Johanna W. A disponibilização da informação institucionalizada: condicionantes e perspectivas. **Cadernos FUNDAP,** 1998. 11p. (prelo)

SILVA, Ivaldo. **Síntese história de Maracanaú**. Secretária de Educação, cultura e Desporto de Maracanaú, 1992. P 35.

SERRAI, Alfredo. História da biblioteca como evolução de uma idéia e de um sistema. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.4, n.2, p. 141-161, set.1975.

SUAIDEN, Emir J. **Biblioteca pública brasileira: desempenho e perspectivas**. São Paulo : Lisa, 1980.

_____. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995. 112 p.

TAPSCOTT, Don, CASTON, Art. **Mudança de paradigma: a nova promessa da tecnologia de informação**. São Paulo : Makron Books, 1995. 433p.

TAYLOR, Mitsi Westphal. **Bibliotecas públicas em sociedades periféricas: propostas para um modelo à luz da teoria da delimitação dos sistemas sociais**. Florianópolis: UFSC, 1986. (Dissertação, Mestrado em Administração).

TARAPANOFF, Kira. O profissional da informação pensando estrategicamente. IN: Simpósio Brasil-Sul de Informação, Londrina, 27 a 30 de maio de 1996. **Anais...** Londrina : Editora UEL, 1996. p.115-141

TARAPANOFF, Kira, SUAIDEN, Emir. Planejamento estratégico de bibliotecas *públicas no Brasil*: histórico, crise e perspectivas. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v.19, n.2, p.137-164, jul./dez. 1995
TARGINO, M.G. Conceito de biblioteca. Brasília : Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1984. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000

VALENTIM, M. L. P. Assumindo um novo paradigma na biblioteconomia. **Informação&Informação**, Londrina, v.0, n.0, p.2-6, jul./dez. 1995.

WADA, Madalena Sofia Mitoko. **Democratização da cultura nas bibliotecas infanto-juvenis**. Belo Horizonte: UFMG, 1985. (Dissertação, Mestrado em Biblioteconomia).

ANEXO A – Modelo de entrevista estruturada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
ENTREVISTA

- 1) NOME: _____
- 2) IDADE:
- Menos de 10 anos Até 20 anos 20 a 60 anos Acima de 60 anos
- 3) ESCOLARIDADE:
- Ensino Fundamental I Ensino Fundamental II Ensino Médio
- Ensino Superior Semi-Alfabetizado
- 4) BAIRRO:
- ADL 1 ADL 2 ADL 3 ADL 4 ADL 5 ADL 6
- 5) Com que frequência vem a biblioteca?
- Diariamente Semanalmente Mensalmente Raramente
- 5) Gosta de ler?
- SIM NÃO
- 6) O que gosta de ler?
- Literatura Jornal Revistas Escolares Técnicos
- 7) Ouviu falar na biblioteca através de quem?
- Escola Amigos Associação comunitária Meios de comunicação
- 8) O que deve ser melhorado na biblioteca na sua opinião?
- As instalações Acervo Atendimento
- 9) O que acha dos serviços?
- Ruim Regular Bom Ótimo Excelente